

# AHMA – EXPOSIÇÕES DOCUMENTAIS ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE ALMADA

## 23.ª EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL:

*Bulhão Pato: “O Poeta que viveu na Caparica”*

Texto de Apoio

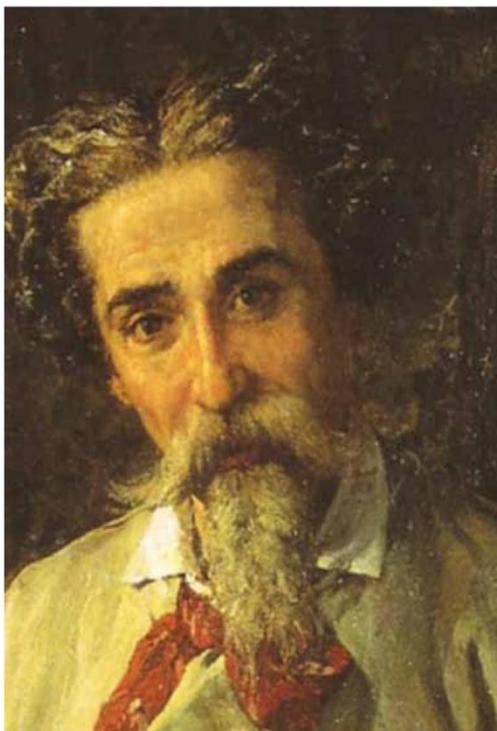
**CASA PARGANA**  
Rua Visconde Almeida  
Garrett, 12 – Almada

•••

**14 DE SETEMBRO DE 2012**  
A  
**15 DE MARÇO DE 2013**

•••

**Visitas guiadas  
e palestras por  
marcação**  
(Tel.: 212724900)



**DIVISÃO DE ARQUIVO HISTÓRICO E HISTÓRIA LOCAL  
DEPARTAMENTO DE CULTURA  
DIREÇÃO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL**



**ALMADA**  
CÂMARA MUNICIPAL

### **Ficha Técnica:**

Bulhão Pato: “O Poeta que viveu na Caparica”,  
23.ª Exposição Documental

Organizada pela:  
Divisão de Arquivo Histórico e História Local  
Departamento da Cultura – DMDS  
Câmara Municipal de Almada.

14 de setembro de 2012 a 15 de março de 2013  
© Câmara Municipal de Almada, 2012.

### **Exposição e texto de apoio:**

Coordenação  
Alexandre Flores

Textos  
Alexandre Flores  
Cecília Quaresma  
Luís Barradas

Design Gráfico  
Jorge Figueira (CMA/DCOM), setembro 2012

Composição Gráfica  
Luís Barradas

Imagem da capa  
Retrato de Bulhão Pato, de Miguel Ângelo  
Lupi (Museu do Chiado, Lisboa).

### **Reservados todos os direitos**

Não é permitida a reprodução dos textos e das ilustrações sem autorização prévia e escrita dos serviços do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Almada. Excetua-se a transcrição dos mesmos, com citação da fonte, destinados a trabalhos escolares da comunidade educativa.

## APRESENTAÇÃO

A 23.<sup>a</sup> exposição documental do Arquivo Histórico de Almada tem como principal objetivo divulgar aspetos da vida e obra do poeta Bulhão Pato (1829-1912), para assinalar a passagem do centenário da sua morte na Caparica.

Embora filho de portugueses, passou a primeira infância na cidade de Bilbau ( Espanha). Em 1837, veio com a sua família para Portugal fugindo à guerra civil.

A vida deste poeta e escritor tem sido objeto de estudo de vários autores, enquanto a redescoberta da sua obra continua a suscitar o interesse dos que se debruçam sobre as suas páginas.

Para além da escrita, o poeta, que viveu e residiu mais de duas décadas na Caparica, cultivou outros interesses, como os longos passeios a pé, a caça e a gastronomia.

Raimundo António de Bulhão Pato conviveu com os grandes escritores do seu tempo e representou inquestionavelmente um dos últimos representantes da escola do romantismo em Portugal.

O Vereador dos Serviços Municipais de Desenvolvimento  
Social, Informação e Relações Públicas

António José de Sousa Matos

## BIOGRAFIA

Raimundo António de Bulhão Pato nasceu, a 3 de março de 1829, em Bilbao, e foi criado em Deusto. Era filho de Francisco António de Bulhão Novais Pato, poeta e fidalgo português, e de Maria da Piedade Brandy<sup>1</sup>. Casou com Isabel Berneaud. No tempo da sua infância, a Espanha vivia os horrores da guerra civil.



Ribeira de Deusto em Bilbao, no séc. XIX ( in [www.euskomedia.org/aunamendi/48419](http://www.euskomedia.org/aunamendi/48419)).

A família de Bulhão Pato, depois de sofrer alguns transtornos, decidiu abandonar a casa onde vivia e, em 1837, retirou-se para Portugal. Seu pai morre em 1841, na Cova da Piedade, quando a família passava o verão nesta terra, por causa dos banhos no Alfeite<sup>2</sup>. Órfão de pai, aos 12 anos, frequenta o Colégio do Quelhas e, em 1845, matricula-se na Escola Politécnica. Os seus primeiros versos eram tão espontâneos e tão naturais, que os críticos da época o consagraram um verdadeiro poeta. Em 1846, com dezassete anos, conhece Alexandre Herculano e, em 1849, Almeida Garrett.

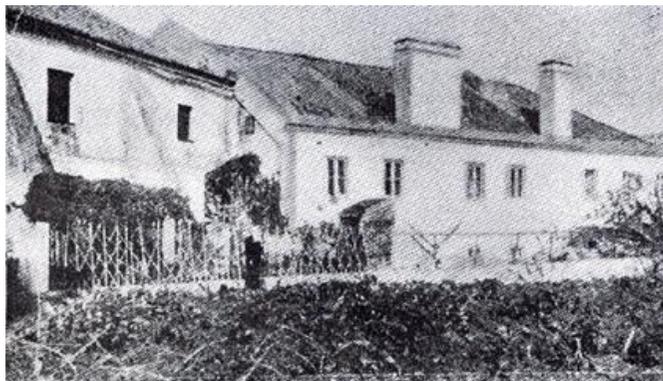
A nível profissional foi Amanuense da Secretaria de Estado das Obras Públicas, Comércio e Indústria, ocupando pouco tempo depois o lugar de 2.º Oficial da Direção-Geral deste organismo público.

Além daquelas célebres figuras da cultura portuguesa, ao longo da sua vida, B. P. vai conviver com outros vultos das letras, das artes e da política<sup>3</sup>. Este convívio animou-o a desenvolver o gosto pela escrita, enfileirando nas hostes líricas do ultrarromantismo.

Publica em 1850, o livro com o título de *Poesias de Raimundo António de Bulhão Pato*. Posteriormente, vai publicar outras obras, com destaque para: *Paqueta*, *Livro do Monte*, *Memórias*, estas duas com referências à região e às gentes de Caparica.

Depois de morar na Rua do Conde, em Lisboa, B. P. mudou-se para a Margem Sul, primeiro para a Trafaria e Fonte Santa, durante pouco tempo, e depois, desde 1890, para o Largo da Torre, Caparica. Mas, pelo menos desde as décadas de 1850/60, já passava ali largas temporadas. Residia num prédio de habitação pertencente a José da Silva Fraga, um dos influentes políticos em Caparica, diversas vezes eleito vereador

da Câmara Municipal de Almada. Era vizinho do seu afilhado, António Maria Tovas, da alfândega do Lazareto, de António Augusto do Amaral Frazão<sup>4</sup>, amanuense da Inspeção e Sanidade Marítima daquele estabelecimento e seu amigo dileto, e do Conde dos Arcos, proprietário da Quinta da Torre. Faleceu em Caparica, na Torre, a 24 de agosto de 1912, com oitenta e três anos. Foi sepultado no cemitério do Monte de Caparica.



Vista parcial das traseiras da casa onde viveu Bulhão Pato, na Torre (Caparica), in *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, n.º 341, 2-9-1912.



Funeral de Bulhão Pato – Cortejo fúnebre para o cemitério do Monte (in *Ilustração Portuguesa*, Lisboa, n.º 341, 2.09.1912).

## CURIOSIDADES E TESTEMUNHOS

Para além da escrita e da leitura, dos passeios a pé pela freguesia, dos banhos de verão na praia da Trafaria, a caça e a culinária eram as suas ocupações favoritas, como se depreende das memórias e dos testemunhos da Zacarias D'Aça<sup>5</sup>, de Paul Plantier<sup>6</sup> ou de João Barreira<sup>7</sup>.

Em relação à caça, calcorreou lugares da Margem Sul, em especial da freguesia de N.ª S.ª do Monte de Caparica, com fiéis companheiros, como José Maria da França Vilar<sup>8</sup>, encarregado da matilha e caçador da Casa Real de D. Fernando II, Zacarias D'Aça e outros.



Bulhão Pato, litografia de Rafael Bordalo Pinheiro  
(in *Álbum de Glórias*).

Quanto à culinária, B. P. foi um cozinheiro insígne, gabando-se o poeta de ter mais orgulho com o êxito de um bom prato do que com a fama de bom alexandrino. Eram «célebres os seus jantares de caça, as perdizes, as galinhas, as narcejas», com «vinho branco de Caparica que tinha um gosto de pederneira, vinho já cantado por Gil Vicente e Camões». Foi autor das seguintes receitas: «açorda à Andaluza, perdizes à Castelhana, arroz opulento e lebre à Bulhão Pato».<sup>9</sup> Tudo pratos com um grau de

elaboração superior ao das amêijoas que vieram homenagear, após a sua morte, o nome do poeta. Colaborou, enviando algumas receitas para o livro *Cozinheiro dos Cozinhos*, editado por Paul Plantier, em 1907.

João Barreira, médico e professor da Faculdade de Letras e da Escola de Belas-Artes, foi encontrá-lo num dia «com uma alegria infantil. Tinha quase 80 anos e ao ver-me gritou abrindo os braços: – Caçei hoje uma galinhola! E presidiu com carinho ao seu amanhã»<sup>10</sup>. Nas suas idas a Lisboa, B. P. quase sempre comia no Restaurante Estrela de Oiro, na Rua da Prata, cuja ementa incluía sempre um prato com amêijoas. Segundo o poeta Alberto Bramão, B. P. apreciava boa comida, cujo repasto era quase sempre composto «por um prato de sopa de camarão; um prato de arroz com amêijoas e outro de peixe guisado; queijo, fruta e uma garrafa de vinho de Torres»<sup>11</sup>. Enquanto teve saúde, ia semanalmente a Lisboa. «Os tempos mudavam, ele ficava o mesmo, sempre romântico. Das últimas vezes que estive no Chiado, passando diante de umas senhoras que o olhavam, ouviu dizerem: – Olha o Bulhão Pato, o poeta. Tirou o seu chapéu de grandes abas, deixou a descoberto a sua cabeleira branca e disse, como se estivesse ainda nas salas aristocráticas da marquesa de Viana: – Para as cantar, minhas senhoras...»<sup>12</sup>.

O lugar de B. P. na literatura portuguesa é sobretudo importante de um ponto de vista histórico-cultural. Segundo Esther de Lemos, «ele representa, observa e exprime uma mentalidade e um gosto de época – o idealismo democrático, o amor da natureza, o culto da amizade e da mulher, o erotismo idealizado e requintado, a galanteria, o ponto de honra; fidalgo, caçador, gastrónomo, homem de tertúlia, viajante, realiza um ideal de sociabilidade oitocentista»<sup>13</sup>.

Bulhão Pato e sua mulher viviam nas duas últimas frações do primeiro andar de um prédio na Caparica encostado à Quinta da Torre.



Caparica, Largo da Torre - Casa onde viveu e morreu Bulhão Pato.  
(in *Figuras e Factos do Concelho de Almada*, de M. L. Soares, 1980).

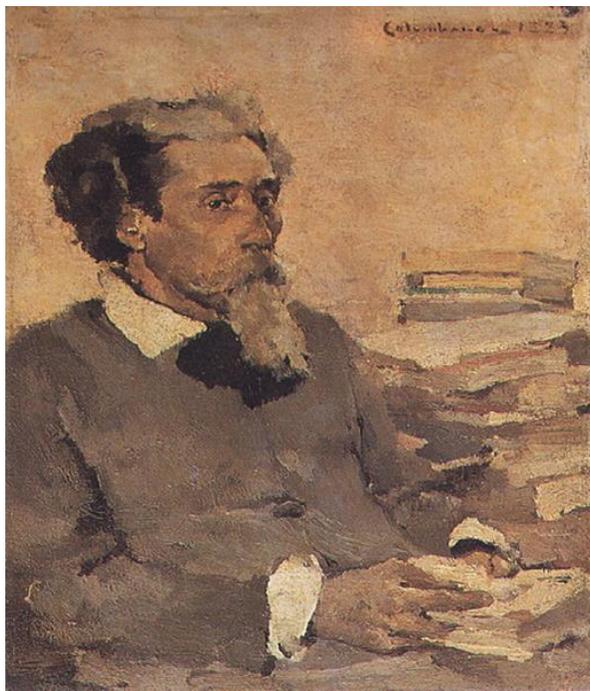
O poeta não possuía meios de fortuna. Vivia de uma pequena reforma de 2.º Oficial da referida Direção-Geral da Secretaria de Estado das Obras Públicas Comércio e Indústria. Recebia também um subsídio da Academia das Ciências, devido à sua colaboração na ordenação e publicação de documentos remetidos da Índia ou *Livros das Mencões* (4 vols.).

No recolhimento da Caparica, era muito procurado pelos amigos, iam à caça e abancavam para saborear pratos, quase sempre, cozinhados pelo próprio poeta.

Quando os amigos não surgiam, Bulhão Pato sentia-se triste e até em verso, pedia-lhes que aparecessem: «*Vem, A casita é modesta / Mas, quando surge um amigo / Parece um castelo em festa*»<sup>14</sup>.

Em 29 de agosto de 1948, por iniciativa de uma comissão local em homenagem ao Poeta, em parceria com a Câmara Municipal, sob a presidência do Comandante Luís de Arriaga Sá Linhares, foi colocada uma lápide comemorativa na fachada do prédio onde residiu Bulhão Pato.

Corria o ano de 1973. Na primeira sessão camarária, depois da elevação de Almada a cidade, o Dr. Serafim de Jesus Silveira Júnior, então presidente do município, informava que o governador civil de Setúbal e os presidentes das Câmaras deste distrito prometiam então em oferecer a Almada a estátua de Bulhão Pato ou de Columbano. Infelizmente, tal promessa nunca se concretizou<sup>15</sup>.



Retrato de Bulhão Pato, de Columbano Bordalo Pinheiro (MNAC).

## OBRA LITERÁRIA

Em 1846, Bulhão Pato, com dezassete anos, conhece Alexandre Herculano. Em 1847, publica os seus primeiros versos *Se coras não conto*. «Fui viver com Herculano, para a Ajuda, de 47 para 48. Em 49 foi para lá o Garrett passar primavera e verão. Dormíamos no mesmo quarto, Garrett escreveu ali *Folhas Cahidas*». Desta convivência registamos uma caminhada levada a cabo pelo poeta com Alexandre Herculano<sup>16</sup> e o Marquês de Sabugosa, a Sintra, até ao Convento do Carmo, realizada no final de setembro de 1849 (*A Cruz Mutilada*, 1883).

O poeta vai conviver com outros vultos das letras, das artes e da política, como José Estêvão, Oliveira Martins, Rebêlo da Silva, Latino Coelho, Andrade Corvo, Rocha Martins, Eduardo Brasão, Columbano, Anunciação, Francisco Gomes de Amorim, Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Miguel Ângelo Lupi. Este convívio animou-o a desenvolver o gosto pelas letras, enfileirando nas hostes líricas do ultrarromantismo (*Poesias*, 1850, *Versos*. 1862). Colaborou em periódicos, como *O Panorama*, a *Revista Universal Lisbonense*, a *Revista Peninsular* e *A Semana*.



Bulhão Pato, (o 2.º da esquerda, de barba branca), acompanhado de amigos, como Moreira d'Almeida, no Largo das Cortes (atual Praça de São Bento), em Lisboa. Fotografia de A. Novais (col. A. Fotográfico da CML).

Traduz Shakespeare, Bernardin de Saint-Pierre e Vítor Hugo. Mas B. P. era homem capaz de ver e descrever com precisão, integrado na Natureza e atento aos costumes; em 1866, dá a lume os seis primeiros cantos de um poema narrativo, *Paqueta*, de intriga romanesca, mas de estilo ameno, entre sentimental e jocoso; numa carta ao autor, Herculano testemunha o

seu enlevo por essa obra, que é, no seu entender, um protesto contra a escola francesa dominante em Portugal e um regresso à tradição aristotélica da naturalidade, que misturava o riso com as lágrimas<sup>17</sup>. Poeta de inspiração ultrarromântica, manifesta tendência para um «lirismo coloquial, realístico, malicioso, sentimental, que facilmente resvala no humor e faz a transição para a sátira»<sup>18</sup>. B. P. vai distinguir-se cada vez mais como poeta satírico (*Cantos e Sátiras*, 1873; *Hoje - Sátiras, canções e idílios*, 1888).

*O Livro do Monte* (1896) retrata-nos a fresca velhice do escritor. O título refere-se ao Monte de Caparica, onde B. P. se isolou: «Campeste exílio, / Dos anos inverniais sempre ridente idílio». As poesias valem pela nitidez descritiva, em cenas de caça, quadros de vida agrícola e dos pescadores, esboços álares de figuras populares, como a peixeira («Sardinha fresca!... da Costa! / Viva da Costa... fresquiá!»). O velho romântico aproximava-se do parnasianismo («De volta ao lagar»), deixando transparecer o seu equilibrado sensorialismo, o amor do espetáculo da vida<sup>19</sup>.

### Algumas obras do poeta

- Poesias (1850)
- Versos (1862)
- Paqueta (1866)
- A José Estevão (1866)
- Canções da tarde (1866)
- Flôres agrestes (1870)
- Paisagens (1871)
- Cantos e sátiras (1873)
- Sob os ciprestes: vida íntima de homens ilustres (1877)
- Os últimos dias de Alexandre Herculano (1880)
- A Cruz Mutilada (1884)
- Hoje - Sátiras, canções e idílios (1888)
- Lázaro consul (1889)
- Livro do Monte. Geórgicas – Líricas (1896)
- Memórias (3 tomos, 1894-1907)
- A dança judenga (1901)
- Faíscas de fogo morto (1908)

Traduziu várias obras, como:

*Hamlet* e *O Mercador de Veneza*, de W. Shakespeare; *Rui Blas*, de Vítor Hugo; *Graziela*, de Lamartine.

• • •

O poeta dirigiu as publicações de *Monumentos Inéditos, Década XIII* (de António Bocarro, 2 vols.), *Livros das Monções* (4 vols.) e *Cartas de Afonso de Albuquerque* (4 vols.), editados pela Academia Real das Ciências de Lisboa.

## Notas:

- 1 - Seu pai, Pereira Pato Moniz (Patos de Alcochete) e Alvares de Bulhão, era então o representante diplomático português. Ambas as famílias eram de antigos fidalgos de casa. Sua mãe, Maria da Piedade Blandy, «de notável inteligência e de nobilíssima alma, vinha de família burguesa, gente limpa e honrada». Cfr. "Carta autobiográfica» de B. P. publicada no jornal *A Nação*, Lisboa, 27 de agosto de 1912, dia do funeral do poeta para o cemitério do Monte de Caparica; tb. cit. por Alexandre M. Flores – «Bulhão Pato: prólogo breve ao centenário da sua morte», in *Imagem 2011: Associação de Artistas Plásticos do Concelho de Almada*, Almada: Galeria Municipal de Arte da C. M. Almada, dez. 2011 – janeiro 2012, pp. 9-13.
- 2 - No verão de 1841, o pai de B. P. «saía no dia 19 de agosto, para assinar a escritura de dívida. Veio jantar a casa de Aprígio Marques. À mesa sentiu uma dor agudíssima no peito, falou na mulher e nos filhos, e caiu morto [...].» Cfr. B. P. – *Memórias*, t II, p. 101; tb. cit. por Alexandre M. Flores – *Almada Antiga e Moderna: Roteiro Iconográfico*, vol. III, Freg. da Cova da Piedade, Almada: Câmara Municipal, 1990, p. 139.
- 3 - Sobre a sua vivência com Almeida Garrett e Alexandre Herculano, ver João Barreira – «O Retiro de um velho romântico», in *Revista do Brasil*, A. IV, n.º 33, 3ª fase, maio de 1941, tb. cit. in *Anais de Almada*, n.ºs 11 e 12, 2008-2009, p. 176; João Medina – *Herculano e a Geração 70*, Lisboa: Edições Terra Livre, 1977.
- 4 - Duarte Joaquim Vieira Júnior – *Vila e Termo de Almada*, Lisboa: Imprensa Lucas, 1897, pp. 186-187; Alexandre M. Flores e António Policarpo – *Proclamação da República em Almada*, Almada: Câmara Municipal, 2011, p. 108.  
B. P., no ano em que começou a residir no Largo da Torre, (1890), escreveu umas loas para o círio de Caparica, («O Círio do Cabo, 1890»), evocando esta festividade no jornal *A Tarde*, de 8 e 9 de agosto de 1893; tb. cit. por Heitor Pato – *Nossa Senhora do Cabo*, Lisboa: Artemágica, 2008, pp. 138-139.
- 5 - Zacarias D’Aça – *Caçadas Portuguesas: Paisagens e Figuras de Campo*, Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1898; Idem – *Lisboa Moderna*, Lisboa: Livraria Editora Viúva Torres Cardoso, 1906.
- 6 - Paul Plantier – *Cozinheiro dos cozinheiros*, Lisboa, Edição de 1907.
- 7 - João Barreira – *ob. cit.*
- 8 - Estimado na comunidade de Caparica, onde administrava a casa do Conde dos Arcos, José Vilar notabilizou-se como mestre e decano dos caçadores portugueses. Bulhão Pato, seu amigo a ele se refere no 1.º número da revista *A Caça* (Cfr. Conde dos Arcos – *Caparica através dos séculos*, Almada: Câmara Municipal, 1972, p. 169; tb. cit. por Alexandre M. Flores – «Bulhão Pato: prólogo [...].», p. 13)
- 9 - Receitas enviadas por B. P. a Paul Plantier, em outubro de 1870; tb. cit. por António Valdemar – *Bulhão Pato na Gastronomia Portuguesa*, CNC.
- 10 - João Barreira – *ob. cit.*
- 11 - Alberto Bramão – *Últimas Recordações*, Lisboa, 1945; tb. cit. por Artur Vaz – *Bulhão Pato: esboço bio-bibliográfico*, Charneca de Caparica. Junta de Freguesia, 1996. p 43; Vítor Wladimiro Ferreira – *No Monte com Bulhão Pato*, Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2000, p. 109.
- 12 - António Valdemar – «Bulhão Pato: a nau catrineta do Liberalismo à República», in suplemento cultural do *Diário de Notícias*, Lisboa, 27 de dezembro de 1987, p. IX.
- 13 - Esther de Lemos – «Raimundo António de Bulhão Pato», in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa: Editorial Verbo, vol. XIV, p. 1461.
- 14 - António Valdemar – *Bulhão Pato na Gastronomia Portuguesa*, CNC.
- 15 - Fernando Castelo Branco – «Testemunho esquecido sobre Bulhão Pato e o seu retiro no Monte de Caparica», in *Anais de Almada*, Almada, n.ºs 11 e 12, 2008-2009, p. 175.
- 16 - Sobre a sua vivência com Almeida Garrett e Alexandre Herculano, ver João Barreira – «O Retiro de um velho romântico», in *Revista do Brasil*, A. IV, n.º 33, 3ª fase, maio de 1941, tb. cit. in *Anais de Almada*, n.ºs 11 e 12, 2008-2009, p. 176; João Medina – *Herculano e a Geração 70*, Lisboa: Edições Terra Livre, 1977.
- 17 - Jacinto do Prado Coelho – «Raimundo António de Bulhão Pato (1829-1912)», in *Dicionário de Literatura*, 3.º vol., Porto: Mário Figueirinhas Editor, 1997, p. 800.
- 18 - Esther Lemos – *ob. cit.*, p. 1462.
- 19 - Jacinto do Prado Coelho – *ob. cit.*, p. 801.



Promoção de visitas guiadas e palestras a grupos até 20 pessoas às quintas-feiras, das 10.30h às 12.30h, mediante marcação prévia.

CASA PARGANA  
Divisão de Arquivo Histórico e História Local  
Rua Visconde Almeida Garrett, 12  
2800-014 Almada  
Tel.: 212724900 – Fax: 21 2724919  
Email: [arq.hist.mun@cma.m-almada.pt](mailto:arq.hist.mun@cma.m-almada.pt)

AO SERVIÇO DA INVESTIGAÇÃO E CULTURA